

PORQUE, SEGUNDO ELIOT, CAMÕES NÃO É UM CLASSICO

JOHNNY JOSÉ MAFRA

Debate com o Prof. Hénrio Morgan Birchal, a propósito de sua palestra intitulada *Camões e o conceito de «clássico» de T.S. Eliot*, na III Semana de Estudos Camonianos realizada pelo Centro de Estudos Portugueses da F.A.L.E., em maio de 1980.

Estudamos hoje uma questão que não é nova, pois nos foi legada pela antigüidade latina: o significado de *classicus*. Nos primitivos tempos de Roma, a palavra designava a primeira das cinco partes em que Sêrvio Túlio dividira a população da cidade. Ao significado sociológico e político do vocábulo juntou-se a idéia de excelência e prestígio. Mais tarde, no século II d. C., *classicus* aparece em *Noctes Atticae* de Aulo Gêlio, na expressão *classicus scriptor*, utilizada para exprimir o conceito de escritor excelente e modelar (Cf. Vítor Manuel de Aguiar e Silva. *Teoria da Literatura*. Coimbra, Livraria Almedina, 1967. p. 351).

Aplicado à literatura, o termo *clássico* designa a época compreendida pelos séculos XVI, XVII e XVIII, quer dizer, os períodos do Renascimento, do Barroco e do Neoclassicismo (cf. Jacinto do Prado Coelho. *Classicismo*. In: *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega, Brasileira e de Estilística Literária*. 3ª ed., Porto, Figueirinhas, 1978), época que pode definir-se “por um ideal de clareza, de sobriedade,

de nobreza, de calmo equilíbrio, de harmonioso acabamento..." (idem, *ibidem*).

No desenvolver da crítica literária, acompanhamos a evolução do conceito de clássico. Ora designa os escritores que atingiram a maturidade, ora os autores modelares, ora simplesmente os escritores da literatura latina ou grega, ora os autores adotados nas classes das instituições escolares, ora ainda a antítese *clássico/romântico*. Não são poucos os autores que se ocupam da definição de clássico, bastando lembrar o excelente capítulo de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, em *Teoria da Literatura*, que nos leva a *De l'Allemagne*, de Mme. de Staël, a *Qu'est-ce que le classicisme?* de Henri Peyre. Basta lembrar *Le Génie du Christianisme* de Chateaubriand, bem como os livros ou artigos do Prof. Hernâni Cidade, um dos maiores estudiosos do classicismo e particularmente de Camões.

Faltava-me um contato com o excelente e revolucionário trabalho (excelente porque revolucionário) de T.S. Eliot *What is a classic?* Tive-o, na leitura e exame da palestra do meu mestre e amigo Prof. Hênio Morgan Birchall, que agora acabamos de ouvir e que se intitula *Camões e o conceito de "clássico" de T.S. Eliot*. Tive-o na leitura direta do artigo de Eliot, em tradução francesa de Henri Fluchere.

Em seu trabalho, o Prof. Hênio arrola todos os passos que julga necessários e bastantes para a análise de *clássico* que pretende fazer. Nesses passos facilmente encontra a colocação do poeta Virgílio. Mas estranha a "maneira omissiva" do ensaísta inglês, "de excluir Ovídio e Horácio". Enquanto defende o enquadramento dos dois poetas latinos no conceito eliotiano de

clássico, esquece-se de que Eliot é também “omissivo” quanto ao poeta português. Talvez o faça de propósito o meu prezado professor, porque quer ele próprio aplicar ao autor d’Os Lusíadas as idéias que Eliot aplicou a Virgílio.

Muito acertado andou o professor e admirável foi o seu trabalho, quando levantou as idéias essenciais de *clássico* contidas no ensaio e as aplicou a Camões, quer lírico, quer épico. Tais conceitos, diz ele, constam das páginas 9-10 e 19-21 da edição que consultou. Atesto ainda a referência e a citação das páginas 22 e 25.

Ocorreu-me ler terceira ou quarta vez o ensaio e observar que não basta o que consta dessas páginas, porque, nas intermediárias, o poeta inglês ou aplica a Virgílio os conceitos emitidos ou os nega a autores ingleses, franceses e italianos. Diante disso, quero acrescentar à excelente análise apresentada pelo Prof. Hênio alguns dados tirados das páginas intermediárias, o que me autoriza a desejar para Camões o título de *clássico*, sim, de *clássico*, mas não de *clássico universal* como pretendeu o conferencista na página 6 de seu trabalho.

A partir deste momento, mencionarei a versão francesa de Henri Fluchere, *Qu’est-ce qu’un classique?* In: *Essais choisis*. Paris, Editions du Seuil, 1950. p. 339-363.

Eliot admite a existência de dois tipos de clássico, quando diz: “Distinguirei entre o clássico universal, como Virgílio, e aquele que só é clássico em relação a outra expressão literária em sua própria língua, ou segundo a visão que tem da vida num período particular” (p. 342). Tal distinção só nos permite considerar Camões um clássico relativo, como volta o poeta a dizer em nova classificação na página 357.

Mas vejamos em resumo as qualidades de uma obra clássica mencionadas por Eliot: 1) Maturidade de espírito; 2) maturidade de costumes; 3) maturidade da língua; 4) perfeição do estilo comum. Além disso, o clássico deve ser *universal*.

Procedendo por partes, o Prof. Hênio analisa a obra de Camões das *Redondilhas a Os Lusíadas*, para concluir que o grande vate português é um clássico universal. Não parece provável, de acordo com as entrelinhas de Eliot. Mas o autor de *What is a classic?* não fala de Camões, nem apenas menciona seu nome, o que é lamentável. É lamentável que o ensaísta desconheça *Os Lusíadas* ou é lamentável que ele menospreze a literatura portuguesa. De qualquer maneira, partamos desta realidade: Eliot não fala de Camões. Mas, se falasse, diria que não é um clássico, como o disse claramente de Milton, de Shakespeare, de Racine e de Dante.

Vejamos, quanto ao amadurecimento do espírito, o que diz Eliot na página 343: “A maturidade de uma literatura é o reflexo da maturidade da sociedade em que essa literatura se formou: um autor individualmente — Shakespeare e Virgílio sobretudo — pode fazer muito para desenvolver sua língua, mas não pode levar esta língua à maturidade, a menos que o trabalho de seus predecessores tenha preparado o terreno para que ele ajunte seu toque final. Uma literatura madura tem então uma história atrás de si: história que não é apenas cronologia, acumulação de manuscritos e escritos de toda espécie, mas progresso ordenado, embora inconsciente, progresso de uma língua para realizar as virtualidades que estão nela, no interior de seus próprios limites”. Ora, a língua latina, estili-

zada na Eneida, possui uma história que ultrapassa os limites dos primeiros textos. Desses limites até Virgílio decorreram mais de dois séculos,¹ durante os quais a floração épica foi ponto de destaque. Inicialmente a tradução latina da *Odisséia*. Em seguida, o poema épico *Bellum Punicum*, do poeta Névio, ainda escrito no rude, desconhecido e inculto verso itálico, o *saturnino*. Como coroamento, a grande epopéia de Ênio, *Annales*, em métrica grega. Esse período conheceu a tragédia e a comédia grega. O período seguinte, ainda antes de Virgílio, desenvolveu a oratória e celebrizou o nome de Marco Túlio Cícero. Este mesmo período conheceu a lírica didática de Lucrécio e a poesia amorosa dos *neóteroi* ou poetas novos, de que é representante máximo Catulo, autor de um carme de apenas um dístico sobre as contradições do amor: "Odi et amo. (...)" Odeio e amo. Toda essa história de grandes poetas prepara a Eneida de Virgílio.

Os Lusíadas não têm essa história que Eliot considera necessária. Não confundamos história com *fontes*. Os predecessores não são obrigatoriamente *fontes*, mas etapas no amadurecimento de um poeta. A propósito, reporto-me à belíssima página de Teófilo Braga no livro *Camões e o Sentimento Nacional*, p. 64, e leio que "em volta dos Lusíadas agrupou Camões como episódios as mais belas tradições da história portuguesa, que são a parte viva e característica

1. No texto original, lido perante a platéia e, posteriormente, publicado no Suplemento Literário do Minas Gerais de 14-6-80, lê-se *quase quatro séculos*. O Prof. Hênio Birchal advertiu para a impropriedade, lembrando que, de 240 a.C. até Virgílio, há pouco mais de 200 anos. Diga-se, então, corretamente, *mais de dois séculos*.

da feição nacional: as lendas de D. Affonso Henriques, como a visão de Ourique, a fidelidade do seu aio Egas Moniz, a praga de D. Thereza sua mãe, a palma sobre a sepultura do cavalleiro Henrique...". E o autor continua lembrando fatos de igual teor. Mas nenhum desses fatos foi tratado em grandes obras anteriormente a Camões. A literatura portuguesa celebra e com razão a bellissima obra dos Cancioneiros Medievais. Mas podemos observar que há um salto desses cancioneros para a obra camoniana, mormente para *Os Lusíadas*. Acredito que a língua dos Lusíadas, que passa a ser modelar, é mais uma imitação do estilo virgiliano, introduzido pelo Renascimento, do que um amadurecimento do português em evolução. Há muita distância entre a língua dos cancioneros ou de Gil Vicente, e a d'*Os Lusíadas*. Camões fixou padrões lingüísticos buscados nos clássicos latinos e não nos precursores da própria língua. Podemos lembrar a tragédia *Castro* de Antônio Ferreira, mas com a objeção de que é a única obra poética que consta das fontes dos Lusíadas (cf. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto Editora, 1975). Por outro lado, Fidelino de Figueiredo, em *A Épica Portuguesa no século XVI*, p. 10, dá-nos um elenco das epopéias portuguesas, das quais a mais antiga data de 157?. Nenhum registro épico, em português, relativo ao período anterior a Camões. Concluímos que a obra é uma criação renascentista imitada de Virgílio, e não amadurecida no cadinho da língua portuguesa.

Ainda sobre a maturidade, na p. 350 lemos: "maturidade de espírito: exige uma história e um sentido de história. O sentido de história só pode ser despertado se há uma outra história

diferente da do povo do poeta...” Neste passo, surpreende-nos ainda o poeta de *O Crime na Catedral* com um dado novo: história de um povo diferente. Aqui remonto ao trecho em que o Prof. Hênnio, na p. 9, coloca *Os Lusíadas* como obra universal, por “consubstanciar uma tradição não apenas nacional”. E continua: “A Eneida concretiza uma cultura de mil anos — tantos os que vão da guerra de Tróia ao século I a. C. *Os Lusíadas* os absorvem e somam-lhes os mil e quinhentos outros de cultura cristã.” Muito bem. Muito bonito e muito impressionante, mas não parece muito convincente. Vejamos: o assunto da *Eneida* é de fato a história de Roma, desde a guerra de Tróia até Augusto, enquanto o assunto d’*Os Lusíadas* é de fato a história de Portugal, mas que não se inicia na guerra de Tróia, nem no império de Augusto. Ao invés de Camões absorver os 2.500 anos, o que me parece mais claro é a sobrevivência de Virgílio. Tudo indica que a influência de Virgílio é que se projeta sobre os anos subseqüentes, até a época de Camões ou até nossos dias. Na verdade, após a época de Virgílio, a cultura latina perdeu seu vigor, de tal modo que mal podemos apontar alguns grandes autores. A epopéia de Lucano, *Bellum Civile*, ou *Pharsalia*, longe está da perfeição do mantuano. Sêneca, o filósofo, reelabora os temas da tragédia grega e se projeta sobre o futuro, sobrevivendo no teatro elizabetano. Com o Renascimento, voltam os autores do século I a.C., sobretudo Cícero, Virgílio, Horácio, Catulo, Tibulo, Propércio, Ovídio e Tito Lívio. Do século I d. C., revive o teatro de Sêneca. Mas a obra de Camões não contém esses anos de cultura. Contém, isso é certo, a cultura de um momento mais próximo

do poeta, à imitação de Virgílio. O que traz de Horácio e Ovídio é-lhe apenas modelar, porque a sua história é a história de seus dias.

Quando Eliot define o que é *estilo comum*, só podemos confirmar que Camões se enquadra em sua definição: "Entendo por estilo comum não o que nos faz dizer: 'eis um homem de gênio que se serve da linguagem', mas: "eis quem realiza o gênio da língua".

Dispensamo-nos de discorrer sobre a maturidade e perfeição da língua, porquanto sinto que os conceitos de Eliot facilmente se aplicam à língua e estilo de nosso poeta. Mas não me furto a um comentário sobre a *universalidade*, pois é com esse conceito que Eliot nega a Camões o título de clássico e é também com ele que lho podemos atribuir.

Recapitulemos o que está na página 357: há um clássico relativo, que diz respeito apenas à língua em que o poeta escreveu, e há um clássico absoluto, que se relaciona com algumas outras línguas. Eliot exemplifica com a diferença que separa um clássico como Pope de um clássico como Virgílio. Camões é clássico na literatura portuguesa, mas não é um clássico universal. Virgílio é um clássico universal, porque se projeta sobre Camões, Petrarca, Milton, Shakespeare, Dante² etc., enquanto nenhum desses se projeta um sobre o outro. Nenhum desses é universal.

2. Na página 350, fica claro que Eliot considera clássico também a Dante, quando diz: «se o clássico é realmente um ideal digno, deve ser capaz de exibir uma amplitude, uma universalidade (...), plenamente presentes no espírito medieval de Dante». Tal opinião é retomada por Ernest Robert Curtius em *Literatura Européia e Idade Média Latina*. R. Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957. p. 364.

Diante de uma comunidade de cultura inglesa, em que existe uma consciência de classicismo, Eliot teve a coragem de afirmar que Milton não é clássico, e o provou sem desmerecer da grande obra, orgulho dos ingleses. Semelhante ousadia tenho eu para, diante de um auditório de camonistas e camonófilos, dizer que, pelas mesmas razões por que Eliot diz que não são clássicos Rabelais, Racine e Molière, também não é clássico Camões. Minha conclusão não entra no mérito do autor de "Sôbolos rios..." ou de "Alma minha gentil que te partiste", não diminui em nada a grandiosidade do episódio de *Inês de Castro* ou do *Velho do Restelo*.

Parece-me que Eliot quer dizer que ainda não temos uma cultura portuguesa, ou inglesa, ou francesa etc., mas uma grande cultura europeia, de 2.500 anos, da qual é figura mais importante Públio Virgílio Marão.

Caro Prof. Hênnio, pode parecer impossível, mas é verdade: lançamos mãos, ambos, da mesma fonte e chegamos a conclusões contrárias. Diz o senhor que "o testemunho escrito de Thomas Stearns Eliot concluirá (...) que, ao lado de Virgílio, de quem é o maior discípulo, *Luís Vaz de Camões* é um *clássico universal*". De minha parte, declaro que o testemunho do mesmo Eliot concluirá que Camões *não é um clássico universal*. Mas não deixa de ser um clássico, um clássico relativo, na conceituação do próprio Eliot.

Quero concluir, com um abonamento de Jacinto do Prado Coelho (Classicismo. In: *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e de Estilística Literária*): "E só depois de empreendido o esforço humanístico de re-

fundição da língua na escola da latinidade é que a expressão poética (cerca de 1560: Camões) e a expressão em prosa (cerca de 1620: R. Lobo, Fr. Luís de Sousa) atingiram a maturidade, a segurança, a plenitude que tornam esses autores *modelos*, logo, *em certo sentido*, autores clássicos (i. é: de primeira plana, dignos de estudo e de imitação)".